

# BC já recompôs reservas em mais de US\$ 2 bilhões

*Em 4 leilões de compra, governo recuperou maior parte dos dólares que não foram enviados ao exterior*

SORAYA DE ALENCAR  
e MÔNICA IZAGUIRRE

**B**RASÍLIA — Depois da crise da semana passada, uma onda de otimismo invadiu o mercado, ontem, forçando o Banco Central (BC) a comprar dólares para manter a cotação da moeda no piso da banda cambial. Ou seja, no limite mínimo do intervalo fixado pelo BC para a variação no preço da moeda estrangeira. A avaliação foi feita, no fim da tarde, pela chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais (Depin), Maria do Socorro Carvalho. "O otimismo foi um reflexo das análises feitas no mercado sobre a eficácia das medidas adotadas, como o aumento dos juros, e também da interção do governo de cortar gastos", avaliou a chefe do Depin.

Socorro acredita que, com os quatro leilões de compra realizados ontem pelo BC, praticamente toda a moeda estrangeira estocada pelo sistema bancário volte aos cofres da instituição. Ela disse que, do montante de moeda estrangeira vendido na semana passada nos leilões de câmbio, aproximadamente metade ficou na carteira dos bancos. O resto foi efetivamente demandado pelos bancos para atender a remessas solicitadas por clientes.

Socorro não quis confirmar valores, mas o BC vendeu US\$ 8 bilhões líquidos e, desse total, pelo menos US\$ 4,77 bilhões saíram do País. De sexta-feira até ontem, portanto, o BC pode ter recomprado entre US\$ 2 bilhões e US\$ 3 bilhões.

"As instituições estão desfazendo-se de todo o estoque", disse Socorro, acrescentando que ficou caro para os bancos, depois do aumento das taxas de juros, carregar tais posições. Ela relatou que o BC foi obrigado a realizar um segundo leilão de compra de dólar comercial porque só o primeiro não foi suficiente para sustentar o novo piso da intrabanda cambial.

"O dólar comercial continuou 'furado', brincou, referindo-se aos preços praticados entre as instituições, abaixo do piso da intrabanda, depois do primeiro leilão de compra do dia. "Tive de entrar de novo no mercado para sustentar o piso."

Sobre a parcela das reservas que efetivamente deixaram o País, ainda não houve retorno. Ela diz, no entanto, que a privatização da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) vai acelerar a recuperação das reservas.

**Teste** — Pelo menos três bancos deverão lançar, hoje, produtos no exterior com juros que chegam a 80% do que paga atualmente o Certificado de Depósito Interbancário (CDI). Ontem, a taxa/over do CDI ficou, na média, em 4,45%, equivalente a juros de 3% ao mês ou 42% ao ano, numa conta arre-

dondada. Esses produtos pagariam ao investidor estrangeiro juros de 33,6% ao ano. A informação é de Nathan Blanche, da Tendência Consultoria Integrada.

Blanche prevê forte entrada de dólares no País com a venda desses produtos no exterior. "O fluxo cambial deve passar a registrar fortes superávits", afirmou Blanche. O ingresso de dólares, segundo ele, seria uma resposta à elevação dos juros brasileiros promovida pelo BC na semana passada, em meio à queda das bolsas de valores, para evitar um ataque ao real.

O consultor destaca que o Brasil vive hoje um momento muito mais favorável do que em 1995, durante o período que se sucedeu à crise cambial mexicana. Naquela época, diz Blanche, o País tinha um governo recém-empossado, as reservas cambiais somavam cerca de US\$ 30 bilhões e a economia brasileira apresentava forte crescimento. Hoje, as reservas estão duplicadas, o crescimento econômico é menor e o governo está estabilizado pelo Plano Real.

"Quem apostou contra o real em 95 perdeu e quem apostar agora perderá de novo", disse Blanche.

Para ele, a turbulência global da semana passada não pode ser chamada de crise. "O que

houve foi uma realização de lucros nas bolsas do mundo todo", afirmou. E agora, diz, o capital está buscando oportunidades de investimentos a preços baixos.

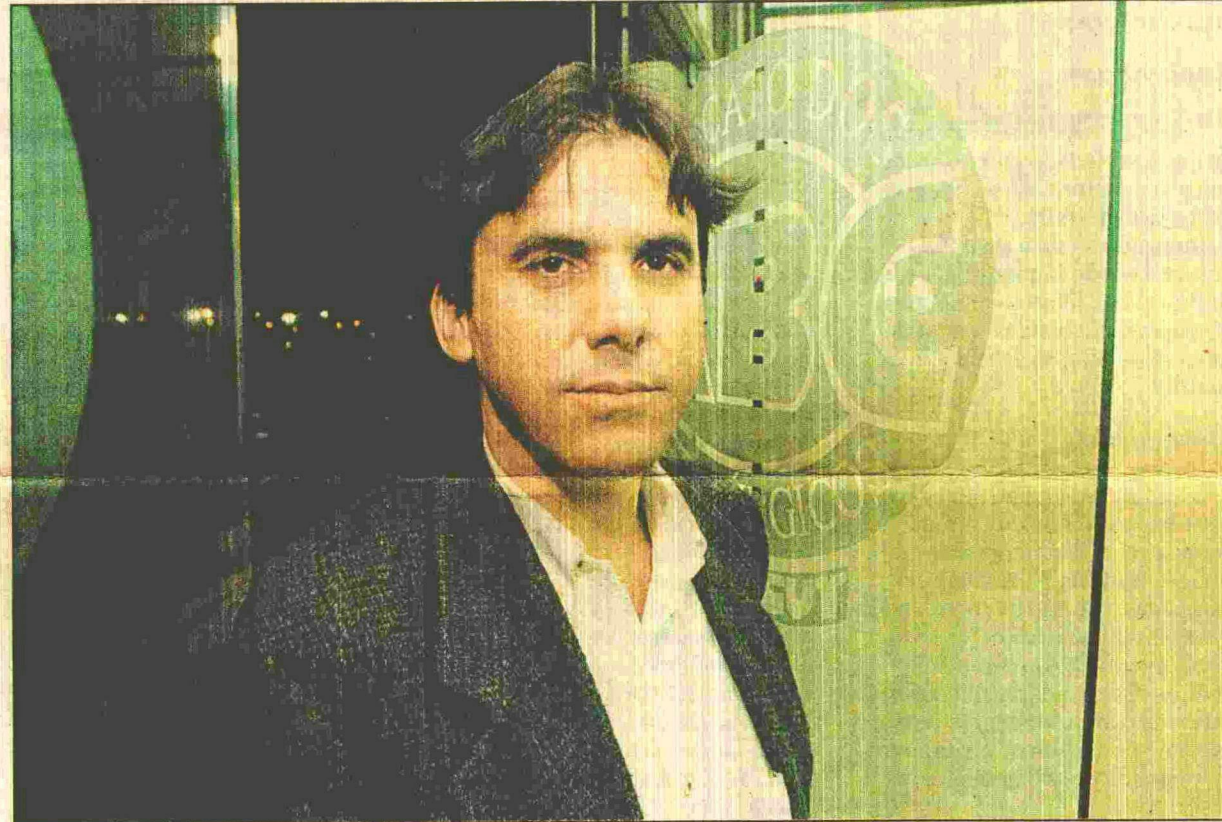
Segundo Blanche, o Brasil oferece preços baixos nas ações cotadas em bolsas de valores e boas oportunidades nos produtos financeiros com altas taxas de juros.

No cenário interno, Blanche chama a atenção para o fato de que os juros altos hoje, numa medida de emergência e passageira, são melhores do que a inflação alta. "O consumidor está consciente de que um quadro de juros mais altos agora é melhor que pagar mais caro pelos produtos num futuro próximo", conclui Blanche.

■ Colaborou Mário Rocha



Gustavo Franco, do BC: recomprou maciça de dólares para recompor reservas após elevação dos juros



Luiz Marinho: dificuldades para compra a crédito começam a causar demissões nas indústrias

José Francisco Diório/AE

Eptácio Pessoa/AE